



EDUCAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA*

Marina Pizzatto**

RESUMO: Incluindo um relato histórico o artigo aborda o sexo na sociedade atual como sendo percebido dentro de conotações que tem suas origens em aspectos culturais e de relacionamento entre os povos, em preceitos religiosos e nas teorias da Psicologia e da Educação. Enfatiza o enfoque EDUCAÇÃO como um processo formativo, sempre global, e não exclusivamente informativo. Coloca a informação, a orientação como um complemento didático desta educação. Fundamenta a educação sexual da criança em três premissas básicas: 1) relacionamento da criança na família; 2) reconhecimento e apoio dos pais nas fases evolutivas do desenvolvimento da criança; 3) respeito profundo a situações que respondam a perguntas-chave: quando? onde? como? e o que?

1. INTRODUÇÃO

O sexo na sociedade atual é enfocado dentro de conotações que têm suas origens em aspectos culturais e de relacionamento entre os povos, em preceitos religiosos e nas teorias da Psicologia e da Educação.

Entre os povos antigos, sexo tinha diferentes acepções. Alguns povos aceitavam e admitiam a participação de divindades em relacionamentos sexuais e mesmo na fecundação, donde o exemplo de relevantes personagens históricos cuja paternidade era atribuída aos deuses.

Outros – tendo Maomé como representante – admitiam que os homens poderiam entregar-se aos “jogos sexuais” desde que o fizessem de forma consciente e obedecendo a certas normas.

*Palestra proferida no Centro de Difusão Cultural, Porto Alegre.

**Mestre em Educação, Chefe do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil – EE/UFRS, Regente da Disciplina de Enfermagem Materno-Infantil I da EE/UFRS.

Com o advento do Cristianismo, as atividades sexuais assumiram um caráter distinto ao corrente na época, uma posição sobretudo disciplinadora e refreadora. Talvez, mesmo, o objetivo fosse evitar a promiscuidade e a poligamia, relevantes na época, dando assim à família uma proteção social.

Após esse período, o sexo começou a ser interpretado de maneiras distintas; e, com o passar dos séculos, foi sofrendo distorções, chegando à época atual em forma proibitiva e, por vezes, depreciativa, encarado mesmo como um TABU.

Assim sendo, a educação sexual, que uma maioria significativa dos adultos têm hoje, está embasada, desde o nascimento, nas percepções e distorções de seus pais sobre sexo, originadas em grande parte por uma formação inadequada.

Acrescente-se a isso o fato de que a educação e/ou a orientação que os pais imprimem a seus filhos baseiam-se em suas próprias atividades sexuais, ou seja, na maneira como as vêm desempenhando, ajustada ou desajustadamente.

Percebe-se que as reações dos pais interferem, facilitando ou dificultando a chamada educação sexual. Vê-se, também, que uma geração mais velha informa a mais nova, servindo-se, talvez, de um modo egoísta para realizar uma ação altruísta.

Com a evolução das ciências do comportamento, da Psicanálise e da Psicologia, a conduta dos seres humanos passou a ser melhor e mais adequadamente interpretada, compreendida e aceita, advindo, daí, diferentes concepções acerca do indivíduo, inclusive do enfoque sexual.

A respeito de sexo, muito se tem comentado e escrito, mas ainda pouco se tem conscientizado. Estamos vivendo um período de "sexo bandeira", que foi antecedido por um período de "sexo tabu".

Os meios de comunicação e a imprensa em geral — televisão, rádio, revistas, jornais — apresentam programas e artigos relacionados com sexo, liberdade sexual ou, mais recentemente, educação sexual.

Nota-se exagero nessa divulgação!

Entretanto, se o êxito da orientação é incerto, a promoção da mensagem é alcançada, sobretudo pela insegurança e ansiedade dos pais.

O assunto, até então desencorajado, é agora posto em evidência. Os pais, desejosos de que seus filhos tenham uma informação sadia, esquecem-se de que o principal fator de influência sobre a criança é a família, que constitui núcleo fundamental na educação da mesma. Mais desejável, pois, do que a "orientação sexual", deve-se procurar, isto sim, proceder à "educação sexual", por não ser esta um "processo informativo", sendo antes um "processo formativo".

A "educação" busca a formação do indivíduo como um todo, e o processo pedagógico e, didaticamente falando, um "processo" sempre "global", sendo a "educação sexual" um dos aspectos desta "educação global".

Este processo tem suas bases originadas na vivência familiar-social, integrando à criança os valores deste contexto. Poder-se-ia, mesmo, afirmar que pode haver educação sem informações, mas, não há evidentemente educação apenas com informações. O aspecto informativo, isolado, não forma, não educa. Deve-se pois, lembrar que o ato de falar, de informar, de orientar é um complemento didático. Há, portanto, necessidade de pais proporcionarem à criança vivências adultas emocionalmente equilibradas, educando os filhos com o exemplo, e não somente com palavras.

Frente ao exposto, pode-se colocar que a formação da criança, com vistas a sua educação sexual, encontra-se fundamentada em três premissas básicas:

- relacionamento da criança na família;
- reconhecimento e apoio dos pais nas fases evolutivas do desenvolvimento da criança;
- respeito profundo a situações que respondem a perguntas-chaves:
 - quando?
 - onde?
 - como?
 - o que?

(BERLIZZI, 1972)

É bastante difícil atribuir-lhes prioridades, mesmo porque cada uma se encontra intimamente relacionada com a outra. Por estas razões, serão comentadas em uma seqüência que visa mais facilitar uma exposição didática do que sugerir ordem de importância.

2. QUANDO?

Vamos iniciar a exposição relativa ao período de "quando" deve ser iniciada ou realizada a educação sexual de uma criança, citando a resposta do filósofo grego, Sócrates, que, ao ser questionado por uma mãe sobre quando deveria iniciar a educação de seu filho, perguntou-lhe ele — que idade tinha a criança? Tendo respondido a mãe — um ano —, o filósofo disse-lhe que estava já com um ano de atraso.

Para melhor facilitar a compreensão e o valor da resposta de Sócrates, faz-se necessária uma breve exposição sobre as bases da formação da personalidade e as fases evolutivas do desenvolvimento da criança, pois reforçando a educação como um processo global, inicia-se com o nascimento.

2.1. Aparelho Psíquico

FREUD, ao fazer uma análise estrutural do aparelho psíquico, apresenta-o do ponto de vista estático e dinâmico.

2.1.1. Do ponto de vista estático, são três os graus da consciência:

— consciente, subconsciente e inconsciente.

Ilustrativamente, estes graus podem ser comparados ao aspecto da luz proporcionada por uma lâmpada:

- | | |
|--|---------------|
| — Consciente → foco de luz. | Inconsciente |
| — Subconsciente → zona meridiana, crepuscular. | Subconsciente |
| — Inconsciente → zona escura. | Consciente |

O Consciente é o sentir, o agir, o querer do indivíduo.

O Subconsciente realiza o intercâmbio com o consciente. Os fatos do subconsciente podem ser transpostos ao consciente, de forma espontânea ou provocada, através de esforço ou associação de idéias.

O Inconsciente somente é percebido de forma disfarçada (sonhos) ou através de técnicas como a psicanálise ou hipnose.

2.1.2. Do ponto de vista dinâmico, são três os graus ou instâncias.

ID

A instância mais profunda é o Id, a fonte, a origem de todos os instintos, os quais são transformações ou modificações de dois instintos fundamentais, que impelem a pessoa em toda a sua vida:

- instinto de vida – Eróticos (EROS: AMOR) de sobrevivência;
- e, o instinto de morte – Tanáticos (THANATOS: MORTE) de agressividade, de destruição.

O Id, sendo um instinto primitivo, é ilógico, brutal, irracional e amoral.

É a herança, pois é genético, e equivale à parte mais primitiva do ser.

Pode-se dizer que os selvagens, os animais ou a criança pequena, por exemplo, são somente Id.

Entretanto, à medida que este Id encontra a realidade, à medida que vai se confrontando com a vida, inicia-se a estruturação de uma nova força, nascendo, então, o Ego.

O Ego é onde estão situados todos os atos conscientes, os sentimentos e as ações. No Ego estão, também o sentir, o querer, o pensar, o agir, os fatos cognitivos e os fatos afetivos.

O Ego é o correspondente dinâmico do consciente. Desta forma, à medida que a criança conscientiza a realidade, começa a sentir, a pensar, a agir e a elaborar o seu Ego. Logo, este forma-se e modifica-se de acordo com as vivências, o meio familiar ou o ambiente em que a criança se encontra.

Continuando o seu crescimento, a criança depara-se com situações que lhe são permitidas ou proibidas e são estas que irão moldar sua consciência moral, originando o seu Superego.

O Superego é a consciência moral do indivíduo, formada pelo seu contexto cultural.

O Superego, a consciência moral da criança, é geralmente formada pela interiorização das atitudes e dos valores dos pais, pela sua identificação com os mesmos, que, sendo extremamente liberais ou fortemente enérgicos, exigentes ou punitivos, acabam por gerar desequilíbrios nos seus filhos.

Havendo equilíbrio entre o Id, o Ego e o Superego, resulta um indivíduo ajustado.

2.2. Fases da Libido

Segundo ERIKSON²(1971), a criança, em seu desenvolvimento, passa por determinadas fases, que são mais pronunciadas em certas faixas etárias, sem deixar de influir nas adjacentes.

FASE ORAL – Mais pronunciada na faixa compreendida entre 0 e 12 meses. Nesta fase a criança tem a boca como fonte de prazer, de onde, este, se desloca para as outras partes do corpo.

Assim, além da satisfação oral enfatiza-se as atenções dadas às outras necessidades e sendo total a sua dependência destaca-se a que se relaciona a conforto físico – co-

mo alimento, agasalho e proteção contra agressões — e emocional — como carinho e acalento, afeto, amor.

O ajustamento virá como decorrência da satisfação das necessidades básicas dando-se ênfase especial aos contatos e a interação com a mãe durante a amamentação e com isso gerando confiança; e o desajustamento, da insatisfação dessas necessidades, originando a desconfiança.

FASE ANAL — Mais específica na faixa compreendida entre 12 e 36 meses, quando as eliminações trazem sensações de alívio e prazer. A criança sente orgulho e satisfação ao constatar suas eliminações as quais não devem ser interpretadas como abjetas, ou depreciadas dando-se demasiado valor ao aspecto da higiene, em detrimento da auto-satisfação da criança.

O ajustamento virá sob aspectos de autonomia e o desajustamento sob aspecto de vergonha, dependendo da satisfação das necessidades básicas de higiene e derivação dos impulsos para outro tipo de atividade (manipulação de argila, massa plástica, etc.)

FASE FÁLICA — Pronunciada no período dos 3 aos 5 anos, é a fase da descoberta dos genitais, da auto-exploração fisiológica.

Também é chamada de FASE EDIPIANA pela probabilidade de manifestar-se o "Complexo de Édipo", quando o menino, desejando sua mãe, tem sentimentos contraditórios de ambivalência (amor e rejeição) em relação ao pai. Com a menina ocorre o inverso.

Em seguida a esta fase, a criança passa a identificar-se com um dos pais: o menino com o pai, a menina com a mãe, interiorizando suas atitudes e comportamento específico do sexo correspondente.

O ajustamento virá sob aspectos de iniciativa e orientação dentro de enfoques anatômicos, fisiológicos e científicos, e o desajustamento sob aspectos de culpa, dependendo da satisfação das necessidades e curiosidade, de suporte e orientação ao seu interesse sexual. Sem supervalorizar os genitais, deve-se evitar de dar idéia de feio e pecaminoso.

Após estes períodos, a criança entra na fase de LATÊNCIA quando não existem maiores manifestações típicas, para voltarem a pronunciar-se na puberdade já com as mudanças hormonais, acarretando as grandes alterações anatômicas, fisiológicas e comportamentais.

É próprio da puberdade notar-se um crescimento mais rápido, acompanhado de transformações externas como aparecimento de pelos nas axilas e no púbis e mudanças no timbre de voz. O corpo da menina, por exemplo, começa a evidenciar caracteres femininos; os quadris ficam mais largos, os seios se desenvolvem e a cintura acentua-se.

Paralelamente, ocorrem mudanças psicológicas que por vezes não são claramente percebidas, como interesse pelo sexo oposto, valorização do grupo social, preocupação com a aparência física, variação de humor, passando da alegria para a tristeza com facilidade. Muitas vezes parece que ninguém os entende. Os pais e mesmo os melhores amigos parecem estranhos. O importante é orientá-los de que estas modificações físicas e psíquicas são devidas ao início do funcionamento do aparelho reprodutor e que todos passam por esta fase.

Constata-se, assim, que os primeiros anos são fundamentais na formação da personalidade e que o ajustamento e a prevenção de conflitos virão do equilíbrio entre o Id,

Ego e Superego e da satisfação das necessidades das fases ORAL, ANAL e FÁLICA, completando-se com a orientação necessária e adequada para a puberdade.

Cumpramos ressaltar ainda que, de acordo com ERIKSON²(1971), cada estágio depende da solução e integração com a anterior e com o seguinte. Um conflito resolvido satisfatoriamente resulta em ajustamento e desenvolvimento sadio, enquanto que um conflito que persiste ou é resolvido insatisfatoriamente acarreta um desajustamento ou desenvolvimento prejudicado.

Faz-se, pois, necessária a presença de pais agindo com naturalidade e tranquilidade para que possa existir uma identificação sadia e uma orientação correta e científica.

Destaca-se, aqui, de acordo com LIMA³, 1981, que a boa formação afetiva do indivíduo só pode ser adquirida nos primeiros anos de vida, através de um atendimento afetuoso recebido dos pais e daqueles que o cercam. Conforme o tipo de afetividade recebida é que se formam os núcleos de confiança na personalidade do futuro adulto. É desses núcleos que depende todo o relacionamento e o modo de reagir do indivíduo com seus semelhantes e com a comunidade em que vive. Daí a importância do atendimento carinhoso recebido, do afago, do acalanto que todo ser humano necessita em seus primeiros contatos com o mundo.

Este é um dos processos que leva o ser humano a uma posterior conscientização sexual.

Desta forma, poder-se-á colocar que o QUANDO, como educação, será desde o nascimento e o QUANDO, como informação, como complemento didático, será realizado:

- ao se manifestar a curiosidade, geralmente adveniente de uma experiência familiar ou social. Logo, será quando a criança necessitar, solicitar, nem antes e tampouco depois.

É tão importante o valor do momento exato do "quando", mesmo como informação, que se afirma que a orientação precoce é mais desastrosa e negativa do que a ignorância.

Este enfoque questiona a educação em classes livres e abrangente ou em grupos e enfatiza o cunho familiar e pessoal a ser-lhe dado.

Nestas situações grupais não caberia o termo educação, mas sim, informação sexual, isto é, algo complementar ao que a criança deve aprender no lar. A informação envolveria enfoques e/ou conteúdos que a escola, instituição ou orientador ministraria com a finalidade de suprir deficiências ou corrigir conceitos erroneamente interpretados pela criança, originados de uma educação falha ou equívocos surgidos das próprias fantasias infantis. Não se trata de uma transferência de responsabilidade, mas, antes, de uma compensação de dificuldades decorrentes da própria cultura atual.

Um exemplo de informação em grupos é a que poderia iniciar-se, digamos, com enfoques genéricos como, por exemplo, orientação a pré-adolescentes sobre higiene menstrual. A partir destas informações globais, classe seria questionada e estimulada a fazer perguntas por escrito. De acordo com a origem e semelhança das perguntas seriam, as crianças, divididas em subgrupos os quais receberiam a orientação específica para a qual tem curiosidade e necessidade de saber ou, sobretudo, está preparada para receber.

3. ONDE? COMO?

O ONDE e o COMO para o processo informativo serão sempre em lugar tranqüilo e com um orientador tranqüilo. Quando o local não é adequado é preferível transferir-se para outro ou mesmo aguardar, mudar o momento do "quando". Entretanto, é preciso justificar à criança o porquê da transferência do momento e não esquecer de cumprir o prometido, para não abalar a sua confiança.

Pais e mães devem ficar tranqüilos e, se não o forem, devem tentar diminuir a ansiedade, ou até transferir a incumbência a outra pessoa próxima.

Deve-se evitar supervalorizar a situação sem, contudo, subestimá-la.

É interessante que seja permitido à criança, desde a primeira infância, comunicar-se e conviver com elementos do sexo oposto para habituá-la a visualizar as diferenças anatômicas. Participar naturalmente com o irmão ou irmã, pai ou mãe do momento do banho, presta-se para a iniciação deste enfoque.

Para o pré-adolescente e o adolescente as informações não deveriam ser apresentadas como simples fatos anatômicos e fisiológicos, restringindo a sexualidade do ser humano a um fenômeno biológico. Deveria, antes, atender às necessidades, dúvidas e ansiedades que aqueles apresentam. Estas informações iriam além da explicação da mecânica genital (LIMA, 1981). Qualquer que seja a idade da clientela atendida, crianças, adolescentes ou mesmo adultos, convém lembrar que o orientador estará sempre diante de pessoas com práticas e conceitos já assimilados sobre sexo.

Assim sendo, destaca, ainda LIMA (1981) a metodologia da educação, ou orientação sexual, deveria partir do pressuposto de que o modo de agir dos indivíduos só pode ser pensado e tratado a partir de conceitos com os quais este ser percebe e define a sua realidade.

Desse modo é difícil estabelecer-se frases ou atitudes estereotipadas a cada uma das situações. "Frases Mágicas" não existem em educação sexual. Pais ou orientadores farão sua escolha, e tendo por base o diagnóstico da situação e do momento, optando por uma ou outra alternativa a partir das evidências constatadas.

4. O QUÊ?

O QUE ORIENTAR, SERÁ SOMENTE AQUILO QUE A CRIANÇA PEDIR. Nem mais, nem menos. Evitar as situações da mãe que se preparou durante anos para aquele "famoso" momento e "despeja" tudo de uma única vez para a criança, sentindo-se após aliviada por ter cumprido mais uma vez a sua missão e ver-se livre da angústia da espera.

Expor a verdade. É básico ter-se a certeza de estar transmitindo toda a verdade. Em uma terminologia clara, científica, mas que seja acessível e que a criança possa entender.

É fundamental não ficar aquém do que a criança pedir, pois, se não for satisfeita sua curiosidade, ela continuará a perguntar. Não ir além do que a criança solicitou, para não chocá-la, evitando a orientação precoce.

5. CONCLUSÕES

Resumindo, poder-se-á enfocar que:

- a educação sexual é um processo global formativo, e não informativo;
- a informação é um complemento didático desta educação;
- inicia-se com o nascimento sendo fundamentais as vivências dos primeiros anos de vida;
- a curiosidade sexual é natural, espontânea e fisiológica, sendo dispensada a espiagem por parte dos responsáveis, tentando sondar, antecipar e prever reações da criança;
- os excessos de tolerância ou repressão geram perturbações no comportamento;
- a presença de ambos os pais é fundamental. Na ausência de um dos cônjuges, é necessário proporcionar convivência com algum outro adulto (tio, padrinho, etc.) para que a criança possa com ele se identificar;
- deve haver harmonia e consenso na orientação dada pelo pai e pela mãe;
- devem-se evitar distorções. Cada criança será orientada dentro dos parâmetros de seu próprio sexo. O fato de a criança identificar-se com um dos sexos ocorre como o resultado de um conjunto de experiências nos primeiros anos de vida.

SUMMARY: Incorporating an historical account, the article deals with sex in present society, as viewed through the frame of connotations rooted on cultural and inter-nation relationship aspects, as well as on religious concepts and theories of Psychology. It emphasizes the aspect of EDUCATION as a formative process, always global, never exclusively informative. It places information and orientation as a didatic complement to this education. It founds the sexual education of the child upon three basic premises: 1) Interrelationship of the child in the family. 2) Parent's recognition and acceptance of the child's evolutive and developmental phases. 3) Deep respect towards situations dealing with such key-questions as: When? Where? How? and What?

BIBLIOGRAFIA

- 1 – BERLIZZI, Dirceu. Mesa Redonda sobre Educação Sexual, IIª Semana Gaúcha de Pediatria, IIIª Reunião Brasileira de Neonatologia e Iº Encontro da Academia Americana de Pediatria, Porto Alegre, 1972. s.p.
- 2 – ERIKSON, Erick H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971. s.p.
- 3 – LIMA, Clesia de Azevedo. Professora vê sexualidade como fator de valorização. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 18-19 de abr. 1981, p.8.
- 4 – SPITZ, René. *El primer año de vida del niño*; genesis de las primers relaciones objetales. Madrid, Aguillar, 1972. s.p.

Endereço do Autor: Marina Pizzato

Author's Adress: Av. Protásio Alves, 297

90.000 – PORTO ALEGRE (RS).